

RESENHA MUSICAL

Diretor: Prof. CLOVIS DE OLIVEIRA

Caixa Postal, 18 — ARARAQUARA

A N O I

ARARAQUARA, JULHO, AGOSTO E SETEMBRO DE 1939

NS. 11, 12 e 13



Barrozo Netto

Ilustre compositor brasileiro.

Barrozo Netto

Tapajós Gomes

Há uma pergunta da qual os artistas quasi nunca se livram, quando ouvidos pelos jornalistas indiscretos:

— Como se revelou em você o gosto pela arte?

Barrozo Netto, acudindo á minha curiosidade, respondeu-me:

— Eu tinha menos de oito anos, quando ganhei uma gaita de foles. Não acredita que fôsse dela que saíssem as minhas primeiras «composições», reveladoras do meu gosto pela música? Também os meus não acreditavam, e, tanto assim que quando manifestei desejo de estudar, todos zombaram inpidosamente: — «Como pode você querer ser músico, numa família em que cada um é uma negação musical maior do que o outro?»

Recordando-me esse episódio, confessou Barrozo Netto que não desanimara. Proseguia, improvisando melodias na gaita de foles. De vez em quando, um estranho dizia: — «Esse menino tem jeito!» — Mas os de casa não acreditavam. Até que, um dia, criou coragem e enfrentou a descrença paterna. Queria estudar, fazer-se músico! A gaita não lhe bastava!

Evidentemente, a insistência do filho amoleceu a resistência do pai. Quem sabe lá? Muitas vezes, de onde não se espera, quasi sempre é que sai. Mas a boa vontade paterna teve uma decepção: Barrozo Netto não sabia que instrumento queria estudar! Poderia haver maior prova da «negação musical» do menino? O primoroso e consagrado artista de hoje não me contou o efeito dessa sua segunda tentativa falha. Contou-me apenas que, da terceira investida, quasi morreu de alegria: o pai concordara. E arranhou-lhe um professor... de violino — um tal Paganini, que aqui vivia do seu instrumento e que morreu anonimamente, sem glórias. A ironia dos nomes!...

Três meses depois de iniciados os estudos, nova catástrofe estava reservada a Barrozo Netto: o velho Paganini

ni tivera uma conversa confidencial com os pais do menino e descarregara honestamente a consciência:

— Não posso continuar as lições. Este menino não tem o menor jeito para o violino. E' a mais completa negação musical que tenho conhecido.

Desta vez, pois, o problema revestia um aspecto mais sério. O pai de Barrozo Netto poderia, então desabafar:

— Eu não dizia? Negação musical! Opinião de um professor!

Mas não há pai que seja capaz de vangloriar-se com os fracassos do filho. E um belo dia, a casa foi alegrada com a entrada de um piano, com o qual o improvisador da gaita de foles, a «negação» do violino haveria de desmentir opiniões errôneas formadas a seu respeito, e revelar, em Barrozo Netto, o pianista, o compositor e o professor, que, num meio ingrato como o nosso, conseguiu ser grande, ser útil, respeitado, aplaudido e vitorioso.

O primeiro piano exigiu o primeiro mestre — Frederico Mallio — e não tinha o menino nove anos completos, quando a antiga Casa Vieira Machado editava a sua composição número um — a Primeira Gavotta. — E temo-lo, então, pouco depois, tentando entrar para o antigo Instituto Nacional de Música — fato que não o preocupava, em absoluto, pois que o seu professor proclamava aos quatro ventos, que nada mais tinha que lhe ensinar:

— E' um «maestro» como eu! — dizia.

Barrozo Netto, portanto, enfrentou sorrindo a banca que o examinou. Imagine-se, por isso, qual não foi a sua surpresa, quando, terminadas as provas, o professor Alfredo Bevilacqua lhe disse:

— Tem grande habilidade, mas não sabe nada! Precisa começar de novo! Essas palavras não caíram no chão. Estimulado por elas, o menino que Frederico Mallio chamava «maestro», pene-

(Cont. na pagina 15)

Periódicos Musicais no Brasil

Prof. Luiz Heitor Corrêa de Azevedo

Rio, 9-9-939 - Especial para a «RESENHA MUSICAL»

O Brasil tem se desforrado dos três séculos em que o prelo era considerado instrumento de perdição, pela prudente administração colonial portuguesa, multiplicando, em sua vida independente, a circulação de periódicos de toda espécie, almanques, revistas ou jornais. Muitos jornalecos, sobretudo... No terreno da música nada ficamos a dever a essa febre publicitária. Não têm conta as revistas musicais surgidas de todos os pontos da terra brasileira, com as mais diversas denominações e os mais variados formatos. Apenas num particular todas elas coincidem: serem muito impontuais e de existência incapaz de ultrapassar a infância. Quantas não ficaram no primeiro número?

Poderá, à primeira vista, parecer mau gosto falar de semelhantes nalgum número comemorativo do 1.º aniversário desta simpática «Resenha Musical». Mas é justamente porque esse número é comemorativo do 1.º aniversário de uma revista que se impôs, que num ano de modesta existência firmou seus direitos à estabilidade, é justamente por isso que não me parece importuno recordar, aqui, tantas tentativas sem consequências, tantos números únicos, tanta boa vontade desiludida. Há na «Resenha Musical» um traço inconfundível, que a opõe a todo esse grupo efêmero de publicações congêneres: é a sua marcha ascendente, partindo de um número inicial extremamente desprezível e pouco a pouco aumentando o volume de suas páginas, o interesse da matéria publicada, o seu aspeto gráfico, etc.; ao passo que naquelas outras publicações a que me refiro o melhor número é sempre o primeiro. A partir do segundo começa a decadência. Não falo de corda, pois, em casa de enforcado...

Nem pretendo apon'ar, no curso deste pequeno artigo, escrito ao correr da pena sem recorrer a investigações especiais, todas as revistas ou jornais musi-

cais que já circularam no Brasil. Limito-me a mencionar os que conheci, principalmente os de meu tempo, no Rio de Janeiro. Outros, dos Estados ou de épocas remotas, são objeto de relação mais lacunosa; cito, apenas, os que tive ocasião de manusear, em pesquisas anteriores, ou possuo em minhas modestas coleções. Este artigo, portanto, está longe de ser um ensaio bibliográfico sobre a imprensa musical no Brasil; é apenas um artigo escrito com a maior boa vontade, para a mais simpática das revistas de música, a pedido do mais cativante dos diretores.

M. Moreira da Silva, no seu estudo sobre *A música no Brasil*, publicado em dois números da ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA comemorativos do Centenário da Independência (1) relaciona 15 publicações diversas, aparecidas nas cidades de Rio de Janeiro, Porto Alegre, Belem e São Paulo. Entre elas, porém, inclui, evidentemente, algumas coleções de modinhas ou peças musicais diversas, de aparição periódica, como foram a ABELHA MUSICAL, O BRASIL MUSICAL (não a revista desse nome, editada no Rio de Janeiro, por Felício Mastrangelo, de 1923 a 1927, mas a coletânea de música dos editores Filippone & Cia., desta mesma cidade), A LIRA DO TROVADOR ou o RECREIO DAS JOVENS PIANISTAS. O RAMALHETE, que Rafael Coelho Machado editou no Rio de Janeiro, de 1843 a 1848, deve estar nesse caso, e a ABELHA MUSICAL, a que acima me referi, lá figura, também (2).

Essa relação de Moreira da Silva dá como sendo a revista musical mais cedo aparecida em nossa terra (excluindo o já citado RAMALHETE, cujo título mais parece indicar uma coletânea de música) o FILO HARMONICO, que teria circulado em 1855, no Rio de Janeiro. Nunca ví exemplares

de tal publicação. Em 1861, entretanto, sei que aqui se publicava uma *GAZETA MUSICAL*, dirigida, segundo Moreira da Silva, por Soland de Chirol. Outra revista com esse nome havia de circular anos mais tarde, também no Rio de Janeiro, sob a direção de Alfredo Fertin de Vasconcelos e Inácio Porto Alegre; durou de 1893 a 1895 e sua coleção é um importante depósito de documentos relativos à nossa vida musical naquele período. Antes, porém, uma outra publicação, que circulara em 1879 e 1880, havia tido a mesma importância em nossa vida musical: é a *REVISTA MUSICAL DE BELAS ARTES*, editada pela casa de música A. Napoleão & Miguéz. Em suas páginas se encontram, entre muitas outras matérias valiosas, os importantes estudos de André Rebouças sobre Carlos Gomes e do Visconde de Taunay sobre o Padre José Mauricio.

Não conheci a *ARTE MUSICAL* que, segundo o autor citado, foi publicada, no Rio de Janeiro, de 1892 a 1893, pela casa editora Bevilacqua. O *RIO MUSICAL* surgiu por volta de 1922 e teve curta existência. Mais duradoura foi a *REVISTA MUSICAL* cujo início coincidiu com aquela e que em 1928 ainda vinha quinzenalmente à luz, estampando, de envolta com umas poucas páginas de colaboração ou editoriais, as músicas populares de mais seguro sucesso durante o mês: tangos, foxs, valsas, etc.; na sua fase áurea tivera como Diretor Artístico o prof. Otávio Bevilacqua. Em 1923 inicia-se a publicação do *BRASIL MUSICAL*, a mais succulenta e a mais movimentada das nossas publicações especializadas dessa época. É órgão oficial da Sociedade de Cultura Musical, que por esse tempo animava com seus concertos a vida artística da cidade: passou por diversas fases, ostentando, em cada uma delas, formato e aspeto gráfico diversos. Extinguiu-se em 1927, tendo publicado 59 números.

Depois dessa época é *WECO*, revista da Casa Carlos Wehrs & Cia., dirigida por Luciano Gallet, que centraliza nossas atividades musicográficas. Seu primeiro número é de Novembro

de 1928; seu número derradeiro veio à luz em Abril de 1931. Era uma revista de pequeno formato e apresentação gráfica insinuante. Em 1930 surge a mais bem feita de todas essas publicações: é *ILUSTRAÇÃO MUSICAL*, dirigida por O. Lorenzo Fernández, cujo número inicial aparece em Agosto desse ano. Tem aspeto luxuoso e excelente colaboração; mas apesar da perfeita organização comercial de que dispunha foi obrigada a dar seu último número em Março de 1931.

Em 1932 aparece a *REVISTA DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE MÚSICA*, que realiza um tipo diferente de periódico musical: a revista de alta cultura, sem estampas, sem concessões ao público, austera como um livro de estudos. Fundei e dirigi essa revista durante dois anos. Em 1934 ainda apareceram dois números do seu III ano, coordenados por outro diretor. Essa modesta revistazinha, criada pela Associação Brasileira de Música para não ficarmos privados, no Brasil, de uma revista especializada, o que seria verdadeiramente vexante para a nossa cultura musical, extinguiu-se para dar lugar à mais importante de todas as publicações do gênero até então tentadas no Brasil: a *REVISTA BRASILEIRA DE MÚSICA*, publicada pela Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil, felizmente ainda em curso, achando-se, já, no sexto ano de publicação. Também aqui estamos diante de uma revista-livro, sem atrativos para o leitor mais superficial, que se limita a contemplar as gravuras ou tomar conhecimento do noticiário artístico internacional. É uma coletânea de estudos e ensaios originais, indispensável, hoje, na estante de todos os amadores de música ou pesquisadores de coisas brasileiras.

Em 1934 surgiu uma revista luxuosamente apresentada mas cuja existência não passou além do n.º 12 (Maio de 1935); refiro-me à *CULTURA ARTÍSTICA*, órgão da Sociedade desse nome, no Rio de Janeiro. Particularidade curiosa: essa publicação levava o seu cosmopolitismo a ponto de ser redigida conjuntamente em português,

Primeiro aniversário da "Resenha Musical"

RESENHA MUSICAL completa com o presente número, seu primeiro ano de vida.

Surgida modestamente não contando com outra ajuda senão com o estímulo glorioso de um ideal nobre — "nacionalizar, instruir e educar pelo idioma e pela música do Brasil" — "Resenha Musical" venceu a sua primeira grande etapa! E espera outras vencer inspirada no mesmo são ideal que a viu nascer!

*

A todos que deram-lhe animo e entusiasmo em seu primeiro ano de existência, "Resenha Musical" agradece penhorada; não os esquecerá jamais como cooperadores de uma campanha dignificante PRO-ARTE NACIONAL.

*

Com o fim de ampliar a "Resenha Musical" e atender ao desejo de inúmeros leitores dedicados e amigos, esta Redação resolveu estipular uma taxa de assinatura anual apenas de doze mil réis, com a bonificação para os assinantes de 5 o/o de desconto em nossa tabela de preços para anúncios.

Esperando receber de todos os nossos distintos leitores e amigos que até o presente número receberam esta publicação gratuitamente, o apoio inestimável — prova insofismável de compreender o esforço que vimos desenvolvendo para manter esta revista que trilha em terreno ainda árido da imprensa musical de nosso país — a nossa sincera gratidão.

A Redação

francês, inglês e, sobretudo... alemão. Seus números tinham mais o caráter de um catálogo de arte do que, propriamente, de uma revista de música.

Editados pelo Diretório Acadêmico da Escola Nacional de Música tivemos dois jornaizinhos musicais de efêmera duração: O ESTUDANTE DE MUSICA (1933) e MUSA (1936). Nesse último ano tivemos dois números de uma nova revista, muito bem apresentada, porém ainda menos constante do que suas antecessoras: MUNDO MUSICAL.

Isto quanto ao Rio de Janeiro. Nos Estados, São Paulo, naturalmente, se encontra na vanguarda de iniciativas de tal natureza. O citado estudo de Mo-

reira da Silva refere-se às seguintes: MUSICA PARA TODOS, CORREIO MUSICAL, A ILUSTRAÇÃO MUSICAL, ABELHA MUSICAL e BRASIL MUSICAL. Dessas conheço apenas a primeira. Não vêm citadas nessa relação, entretanto, A MUSICA, quinzenário surgido em 1896, nem a GAZETA ARTISTICA, que teve invulgar duração, pois seus números foram publicados de 1909 a 1914, sob a direção de Augusto Barjona.

Uma das melhores publicações musicais brasileiras foi, indubitavelmente, ARIEL, iniciada em 1923, na paulicéia, sob a direção do prof. A. de Sá Pereira. Nesse mesmo ano São Paulo via surgir um outro periódico do gênero: MUSICA, órgão da Sociedade de Concertos Sinfônicos. VIDA MUSICAL e HARMONIA foram jornaizinhos surgidos em 1932 e não continuados em virtude dos trágicos acontecimentos desse ano. O primeiro, de que ficaram dois números, era «órgão da classe musical de São Paulo». De HARMONIA tiraram-se quatro números. Em 1936 o editor J. Capocchi iniciou a publicação de um mensário dedicado aos interesses da arte sagrada; intitulava-se MUSICA ECLESIASTICA e dele foram publicados apenas alguns números.

Presentemente edita-se em S. Paulo o NOTICIÁRIO RICORDI, folha de propaganda da Casa G. Ricordi, redigida pelo Cav. Umberto Marconi; publica informações muito úteis sobre a vida musical brasileira.

Em Recife, por volta de 1930, a Sociedade de Cultura Musical editava uma pequena revista, extremamente simpática, intitulada CULTURA MUSICAL.

Em Natal edita-se, desde 1936, uma das mais constantes e das mais... feias revistas do Brasil: SOM, dirigida por Luiz da Câmara Cascudo e Waldemar de Almeida; seus números, no entanto, encerram frequentemente ótimas colaborações.

Na Baía os componentes de uma associação estudantil do Instituto de Música dirigido pelo emérito prof. Sílvio Deolindo Fróis, publicaram alguns

(Conclui na pag. 6)

Paganini

O mito de Orfeu renova-se, nos tempos modernos, no genial Paganini: Como Orfeu, o violinista italiano tem a sua legenda. Mas a legenda de Paganini é misteriosa e satânica. Ele, para grande parte de sua geração era o *homem que tinha feito um pacto com o demônio*.

Mas porque motivos o encantador delicioso era considerado um inspirado de Satanaz?

Era o tempo de Mesmer, no qual todas as coisas achavam-se envoltas num espírito mais ou menos bizarro; e as faculdades de Paganini pareciam estranhas, fóra do natural.

Parecia impossível que aquele homem tão frágil e acabado pudesse desenvolver tamanha energia, possuir em seus músculos toda aquella força, aquele vigor, aquella impetuosidade!

No entanto muitas de suas caricaturas e mesmo retratos não correspondem á verdade do original.

Era em verdade franzino e de estrutura doentia, mas não tanto como o descreveram muitos contemporâneos.

O aspecto juvenil, na incisão de Calamotta, a medalha de José Lang, a de Bova, feita em Paris, teem, é verdade, muito de adulação, mas o retrato devido a Isola não é bem o de um homem que tenha commercio com o diabo...

Mas o retrato que mais lhe parece é o do pintor londrino Patten. De resto, isto foi reconhecido pelo proprio Paganini em carta endereçada ao pintor, com data de 10 de Novembro de 1832.

Orfeu foi dilacerado. Paganini, depois de morto, não o foi menos. Foi-lhe vedada a sepultura. Embalsamado, esteve seu corpo durante algum tempo, na propria casa, sendo depois conduzido ao lazareto de Vilafranca.

Finalmente foi decretado seu enterramento, mas ao mesmo tempo cancelado dos registros seu nome de batismo.

Vinte e trez anos mais tarde era finalmente sepultado Paganini no suntuoso monumento de Roma.

A piedade filial de Acchille Paganini vencera o espírito supersticioso e retrogrado da época.

E a legenda se completou: Paganini entrava para o panteon dos grandes da arte e do pensamento. Mas quando se disser a ultima palavra, fechada, talvez, nos papeis do maravilhoso mestre, não ainda apparecida á luz, então os sacerdotes de Apolo gritarão ainda como junto á ára de Orfeu: — *Tu és o Deus que fala!*

Periódicos Musicais no Brasil

(Conclusão)

números de um jornalzinho sugestivamente intitulado PRELUDIO.

E, para terminar, não quero deixar de citar outras publicações relacionadas no estudo de Moreira da Silva, por cujos números não conheço: em Porto Alegre O GUARANÍ (1887 e 1890) e O PROGRESSO (1887 a..... 1890); em Belem do Pará uma GAZETA MUSICAL.

NOTAS: (1) M. Moreira da Silva, *A música no Brasil*. Ilustração Brasileira, Rio de Janeiro, Setembro e Outubro de 1922.

(2) Sob a reserva de que a ABELHA MUSICAL minha conhecida é uma coletânea dos editores Sucessores de P.Laforge, do Rio de Janeiro, ao passo que Moreira da Silva menciona tal título para uma publicação de São Paulo.

AGRADECIMENTOS

Recebemos do ilustre professor Luís Heitor Corrêa de Azevedo, pela justissima homenagem que esta revista lhe prestou em seu numero transato.

O Ensino Musical organizado no Brasil

Esboço historico - Especial para «Resenha Musical»

PROF. SAMUEL ARCHANJO DOS SANTOS
(Do Conservatorio Musical de São Paulo
e do Conselho de Orientação Artística)

«Com a musica e harmonia eu me
proponho a atrair para nós os
«Indigenas da America».
M. DA NOBREGA

Pode-se bem dizer: desta feita nasceu, em 1549, ao chegar na Bahia Thomé de Souza o primeiro Governador Geral, o ensino da música no Brasil, com J. Anchieta e M. da Nobrega, que, depois de fundarem Seminarios, iam estrada á fóra em procissões, espargindo, no incenso perfumado e no bálsamo das harmonias, o conforto da fé aos nativos da Terra de Santa Cruz. E com a música singela das Igrejas e nas peças theatraes, lançaram os jesuitas as raizes da cultura musical brasileira.

A esse embrião pedagogico, succedeu a primeira tentativa de escola musical, o «Conservatorio de Santa Cruz». São entusiasticas as referencias que lhe atribue V. Cernichiaro á pag. 71 de sua Historia da Música no Brasil: «Certo é che furono gesuiti a fondare quel Conservatorio, che ebbe lo scopo d'istruire i negri mesticci nella musica vocale e strumentale, nonché nella composizione. La cultura musicale impartita com lodevole engegno, doveva produrre um numero considerevole di eccellenti artisti, i quali furono, a lor volta, propagandisti emeriti dell'arte musicale nelle provincie della colonia, regno e imperio. Infatti, il periodo che va dalla fondazione del Conservatorio alla prima metà del secolo XIX fu fecondo per la formazione del carattere musicale brasiliano.»

E' portanto patente a influencia desse fóco disseminador de arte que foi o Conservatorio da Fazenda de Santa Cruz. Delle vemos surgir esse grande cerne onde se apoiou e floresceu com esplendor a musica daquella época: o Padre José Mauricio Nunes Garcia.

Grande actividade desenvolveu o Padre musico, quer como professor culto que era, quer como artista nato e de fino estofio. Para julgal-o ahi estão as suas obras. O seu «ingemisco» é su-

ficiente para indicar a sua arte subtil e delicada. José Mauricio foi um elemento emanado daquela instituição, ainda que indiretamente como pretende o Visconde de Taunay. Uma agremiação irradia sempre melhor vida intelectual do que o individuo isolado, por maior que seja a sua cultura ou valor social.

Para os descrentes que ainda possam existir sobre o talento de José Mauricio trago um depoimento de A. E. Taunay: «Preciso confessar á puridade que a seu respeito comecei céptico. Parecia-me que o meu Pae se achava bastante auto-sugestionado, e com o senso critico algum tanto prejudicado pelos entusiasmos do temperamento exuberante. — Outro, porém, me foi o modo de pensar, após a audição do *Requiem*, da protofonia de *Zemira*, da execução, accessivel aos meus restritissimos dotes pianisticos da singela, limpida e lindíssima *Missa em si bemol* nascida de tão intensa e original, quanto suave, inspiração e onde surge aquella melodia maravilhosa do *Et incarnatus est.*» etc., etc. — Chamado a depôr, assim se expressa Mario de Andrade á pag. 161 do seu Compendio: «No meio do brilho, vaga a figura doce do padre José Mauricio Nunes Garcia, primeiro nome da Musica brasileira. Era mestiço carioca, educado nas tradições de Sta. Cruz, musico habilíssimo, dizem que praticando Bach, Haydn, Mozart. Estes dois é certo que conheceu, assim como Paisiello. Foi fecundissimo. «Para Renato de Almeida, José Mauricio «foi uma das mais altas revelações do espirito brasileiro.»

Assim continuou, por largo espaço de tempo, o ensino musical, pendendo naturalmente para a musica sacra e para a musica teatral. São unanimes os historiograficos em afirmar que o ensino artistico foi orientado pelos jesui-

tas ou sob reflexo de sua acção até o século XVIII.

E a inclinação para o ensino artístico organizado persistiu.

O século XIX foi mais promissor para as artes e para as ciências. Com o aparecimento, em 1808, da eminente figura de D. João VI no Brasil, começa o ensino artístico a tomar um carácter oficial. Abrindo o Regente os portos ás nações amigas de Portugal, e dando outras providencias de ordem geral, preparou, ainda que empiricamente, o caminho da nossa independência. Aos empreendimentos desse jovem príncipe deve-se portanto o desenvolvimento das artes e das ciências no Brasil colonial. Parte do seu governo o progresso material, cultural e artístico desse tempo, que veremos um tanto enfraquecido no primeiro Imperio e elevado no segundo com a fundação do Imperial Conservatorio de Musica do Rio de Janeiro. A esse pioneiro do progresso devemos a fundação da Escola de Belas Artes, organizada com excellentes artistas contratados em França, vindo de lá a celebre missão chefiada pelo sr. Joaquim Lebreton, do Instituto de França. Ostentando a musica sacra daquele tempo aparato invulgar, foi dado a D. João VI, que segundo relata a historia era duma estirpe de musicistas illustres, internecer-se com a pompa de algumas audições. Ouvindo então na Igreja de Santo Ignacio de Loyola, uma missa cantada por excellentes corpo vocal e instrumental animou-se o Regente em mandar organizar a Escola de Musica existente, que era o Conservatorio, tornando-se logo um admirador e protetor do Padre José Mauricio. Si as artes plasticas tiveram a celebre e benemerita missão franceza que nos trouxe: João Baptista Debret (pintor); Nicolau Antonio Taunay (paisagista); Augusto Taunay (escultor); Augusto Henrique Victorio Grandjean de Montigny (architecto); Simão Pradier (gravador e abridor); Francisco Ovide (professor de mecanica); Carlos Levasseur; Luiz Mauné, Francisco Donrepor e Pedro Dillon, chegados em 1816, tendo vindo depois os irmãos Ferraz (Marcos e Zephyrino), a arte

musical teve a desditosa sorte de ver chegar á Terra de Santa Cruz o famigerado Marcos Portugal, que, com o ser um dos maiores valores da arte musical luzitana, foi no Brasil colonial destruidor de nossas coisas artisticas e um inimigo gráuito de José Mauricio e mais tarde de Francisco Manuel.

O primeiro Imperio iniciado com a nossa independencia politica, não foi como se poderia esperar, um periodo prospero para a arte musical e portanto para o seu ensino. Foi uma época de borborinhos politicos que não permitia pensar nessas coisas. A decadencia musical foi frizante, tanto assim que nella iniciou-se um exodo de reaes valores artisticos e culturaes em debandada para o velho mundo. De nada valeu para a arte a cultura do nosso primeiro Imperador D. Pedro I. Não escapou aos rasgos da sempre decantada economia o Padre José Mauricio que se via tolhido da pensão que lhe dava D. João VI, justamente quando mais precisava de auxilio. Diz a historia que de 100 executantes foi a Capella Imperial reduzida a 20 cantores e 3 instrumentistas!... Em 1830 desaparece Marcos Portugal, num ataque de paralyisia, cheio de gratidão para com o Padre José Mauricio pelo carinho que lhe dispensára em sua desventura. De D. Pedro I temos o Ino da Independencia, unica produção que ficou desse fidalgo musicista. Diz a historia que D. Pedro foi discipulo de Neukon, celebre pianista compositor que tambem se retirou do Brasil nessa ocasião. O primeiro Imperador brasileiro comprazia-se em dirigir algumas das audições da Imperial Capela.

O segundo Imperio foi no entanto de maior compensações para a arte musical brasileira e na opinião autorizada de M. Andrade: «foi talvez o periodo de maior brilho exterior da vida musical brasileira». Nele nasceram instituições que ainda perduram.

Ha uma grande figura que reponta na Historia do ensino musical brasileiro, á qual devemos gratidão imorredoura. Essa figura é Francisco Manuel da Silva. Quasi ao findar do século XVIII (21-2-1795) nascia o au-

(Conclui na pag. 18)

Removendo o pó do tempo...

Subsídio para a historia de Araraquara

Prof. Clovis de Oliveira

As bandas de música exerceram ha cerca de cinquenta ou mais anos, grande influencia na vida social brasileira.

Todas as cidades se vangloriavam de possuir a sua corporação musical bem uniformizada, devidamente organizada, instrumentos novos, sede social — para reuniões da diretoria integrada pelos beneméritos e amantes da divina arte.

Todas as cidades se ufanavam de suas corporações. Havia, até, mesmo, rivalidades entre elas estimuladas pelos sucessos de seus conjuntos musicais.

Segundo rezam as crônicas, concursos se realizavam para disputa de ricos prêmios.

— São Roque, a simpática e aprazível cidade da Sorocabana, possuiu uma banda que, sob a regencia do prof. Epaminondas de Oliveira, foi classificada em primeiro lugar em memorável concurso que se realizou em S. Paulo, no Jardim da Luz, com a presença de inumeras corporações.

— Campinas chegou a possuir na-la menos do que cinco bandas, num decênio, das quaes uma sob a regencia do sr. José Manoel Gomes, Manéco Músico, como era mais conhecido, pae de Antonio Carlos Gomes, o glorioso autor de «O Guarany», que, por sua vez, também, foi musico de banda. Como membros da Banda Marcial, como se chamava, Sant'Ana Gomes e Carlos Gomes, ainda meninos, foram elogiados por D. Pedro II, quando visitou Campinas em Março de 1846.

— Matão, a pequenina cidade de 1914, possuiu a Banda «Infantil».

E, assim, num halo de entusiasmo, todas as cidades se engalanavam para as retreitas domingueiras ou dos feriados nacionaes.

Nas procissões, as marchas executadas solenemente pela banda, davam á cerimonia áquella grandiosidade que outro conjunto, ao ar livre, jamáis o conseguiria, comovendo ou alegrando religiosamente. O povo animado pelos sons

dos instrumentos bandísticos, ia á estação assistir a chegada de um politico que o visitava; ia ao circo de cavaliños, ia á toda a parte, enfim, constantemente levado pela cadencia festiva e marcial dos sons bonitos da Lira, sons que encantavam, que animavam e que empolgavam.

Ser membro de umas dessas corporações de então, era honroso, e era disputadíssima qualquer vaga, tanto quanto o é, hoje, um emprego publico, somente com a diferença de que o musico, muitas das vezes, tinha que contribuir para a manutenção da sociedade, ao passo que o funcionario publico é remunerado mensalmente. Esse despreendimento que caracterizava e que caracteriza até hoje o musico de banda, torna-o digno de nossa eterna admiração!

Todos os collegios de renome possuíam o seu conjunto musical.

Infelizmente, hoje, é raro, raríssimo, o collegio que possúe a sua banda de música; infelizmente, hoje, ha, até, cidades que nem a possúem mais, e, quando de uma necessita, recorrem aos conjuntos das cidades visinhas.

E' pena que tal aconteça porque a música sempre foi um elemento moralizador, e, como tal, um fator educativo importantissimo na vida quotidiana dos povos.

Nem de todas as bandas pode-se exigir uma execução mais ou menos perfeita ou artistica. Porque, nem todas possuem bons elementos, nem bons instrumentos, nem numero suficiente de instrumentistas, nem uma organização social que satisfaça. Mas essas, não são razões para que se não organize corporações musicaes. Estas devem existir, boas ou más. Devemos proceder em certas circunstancias como procedeu um dia Carlos Gomes ao chegar á ilha do Paquetá, onde ía passar uns tempos

em casa do comendador Roberto Tavares.

«Logo de chegada, escreve J. Itiberê da Cunha, teve de ouvir, impavido a Sinfonia do *Guarani*, executada (isto é, assassinada) pela banda de musica local... Não era a primeira vez que semelhante suplicio lhe era infligido pelo patriotismo, com as homenagens dos musicos amadores! Depois disso vinham naturalmente os «dobrados», em *menor*, anomalia musical com que implicava, cheio de razões, o grande musicista nacional. Finda a manifestação, quando a charanga se retirava, Carlos Gomes proferia, como que em segredo, aos circunstantes, quasi enternecidos:

— «Coitados! Eles fazem o que podem».

«Neste julgamento indulgente ia todo o seu coração de brasileiro. Já nem se lembrava do atentado artistico contra a sua obra...»

Falam muito das bandinhas do interior. Caçoam, mesmo, delas. Mas, quando assim procedem, não o fazem com o mesmo espirito indulgente de Carlos Gomes; não lembram que foram essas bandinhas, essas *charangas*, essas *cas-sambas*, compostas de abnegados musicos que divulgaram em época não remota, e fizeram conhecer pelo Brasil á fóra, antes do gramofone ou do rádio, as obras notaveis de Carlos Gomes, Verdi, Rossini, Ponchielli e de outros. O gramofone muito em moda e apreciado naquele tempo, era apenas para os ricos ao passo que a banda essencialmente popular, era sempre ouvida com interesse e agradabilidade.

Em Angatúba, pequenina cidade da Sorocabana, longe duas horas de Itapeitinga, o autor destas linhas teve oportunidade de ouvir durante uma cerimónia religiosa, realizada em Junho de 1938, duas bandas de música. Uma estava bem uniformizada, com bons instrumentos, mostrando ser bem amparada; a outra, muito modesta, sem uniforme, instrumentos e instrumentistas modestissimos, dos quaes alguns descalços. Dentre estes, um chamava a atenção porque era maneta. Depois fomos informados de que esta ultima era

composta de colónos das diversas fazendas! Quanto gostam de música estes humildes colónos, felizes colónos porque cultuam a mais bela das artes, a música!

«A arte, escreveu Paul Doumer, para o povo, é recreio; é drama; é anelo; é esperança. O espirito do povo não tem outra forma de exprimir-se».

E esses colonos quantos sacrificios não terão dispendido para a aquisição dos instrumentos, para a aprendizagem, para os ensaios. Mas este registro que faço, os farão lembrados, sempre, como exemplos dignificantes da boa vontade e do esforço. Oxalá que um desses simples colonos ainda não venha a ser um dia, um grande nome de nossa arte, como veio a ser o de Carlos Gomes. Quem o sabe?

Não podemos deixar de citar os successos da Banda da Força Publica de S. Paulo, sob a regencia do maestro Antão Fernandes, que jamáis poderemos olvidar. Dentre os musicos que se fizeram nessa banda merece menção o nome de Savino De Benedictis. Hoje essa gloriosa corporação musical sob a regencia do Sub-Tenente Antônio Romeu continua a trilha ascencional de sua carreira, honrando o seu brilhante passado.

Ainda ha pouco, a veneranda Corporação Musical «União dos Artistas» da tradicional e historica cidade de Itú, com grandes solenidades inaugurou a sua sede social, com a presença de muitas autoridades do mundo official, artistico e intelectual da Capital bandeirante.

E, assim, poderíamos citar uma serie quasi infinita de bandas que tem enriquecido o nosso patrimonio artistico e historico, com fatos reais que provam com sublimidade a devoção sagrada, que á arte consagra o povo brasileiro; o povo brasileiro que sabe sentir a sua música, que sabe, com seu coração magnanimo, hipotecar apoio á causa da arte, imperecível em nosso paiz, para a glória do Brasil!

Araraquara já viveu um passado entremeadado de fatos curiosos, porém o

Conclui na pag. 21

Edições Musicais

Profra. Ondina F. Bonora de Oliveira

«SANTA CECILIA» — prof. José Gavini.

Edição «A Melodia» — n.º 10.256

Preço: 6\$000—Agosto, 1939, S. Paulo.

Prefaciado pelo educador prof. Alfredo Gomes, acaba de ser publicado um novo método para o ensino de piano dedicado aos principiantes: «Santa Cecilia», da autoria do conhecido prof. José Gavini.

Dentre os inúmeros trabalhos congeneres, recomendamos particularmente esta nova obra pela interessante disposição didática que o autor dá ao mesmo e pelo espírito nacionalista de que se reveste.

Da EDITORA HENRY LEMOINE de Paris — Bruxelas

Recebemos:

LES GAMMES — J. MORPAIN

Esta obra do ilustre prof. J. Morpain, do Conservatorio Nacional de Música de Paris, visa imprimir ás escalas com estudo racional cujas, são, inegavelmente, o A B C da técnica pianística. O autor, de largo tirocínio didático, com muita clareza dispôs com uma grafia pratica as dedilhações e as combinações mais diversas.

ENSEIGNEMENT DU PIANO — M. LE BOUCHER

Maurice Le Boucher compilou em «Enseignement du Piano», vinte peças manuscritas de sua autoria, graduando-as de acôrdo com as dificuldades tecnicas.

Dr. Mário Opíce

Dentista

Diatermia

Palacete Raia

Araraquara

Curiosa e muitíssimo util a idéa de obras manuscritas para o ensino de música.

Escrítas em estilo de facil compreensão, os estudos de Le Boucher se recomendam pela beleza e pela harmonização moderna nada extravagante.

NOUVELLES ETUDES DE CONCERT — A DE GREEF

Trata-se de uma coleção de seis estudos magistralmente escritos para o piano.

Arthur de Greef não se limitou apenas em apresentar dificuldades pianísticas consecutivas, embelezou-os com efeitos e com estilo. Dos seus estudos, dois se evidenciam como futuras pedras de toques dos pianistas: Mouvement Perpétuel (para a mão esquerda) e o Crescendo (em si bemol).

Os seis estudos desse ilustre compositor, uma vez divulgados devidamente entre os pianistas figurarão frequentemente nos programas de concertos.

PIECES DE FANTAISIE
LOUIS VIÉRNE

— para organ —

Recebemos um dos poucos exemplares impressos da primeira suite de «Pièces de Fantaisie», para grande organ, da autoria de Louis Viérne, notavel organista titular de Notre Dame de Paris.

A presente obra de Viérne, é composta de seis magnificas peças, todas de muito efeito e de acurado gosto artístico. Peças que devem ser executadas com compreensão artistica evitando nuances disparatadas, tão do gosto da maior parte dos organistas.

São estes os nomes das peças da rica primeira suite: Prélude; Andantino; Caprice; Intermezzo; Requiem aeternam e Marche Nuptiale.

TOCCATA — J. JONGEN

— para organ —

Belíssima Toccata, escrita para grande organ por Joseph Jonsen. De cara-

ter moderno, a mesma se destina aos organistas concertistas.

ÉLÉGIE — FLOR. PEETERS

— para organ —

E' uma peça triste, tecnica simples, porém, de grande efeito sonoro. A melodia acompanhada de um pedal rítmico constante, apresenta-se junto a uma riqueza dinamica excelente; uma obra digna dos programas organísticos.

MÉTRIQUE E RYTHMIQUE — J. DALCROZE

Como o proprio titulo discrimina esta obra de Dalcroze se destina ao estudo da métrica e ritmo musicas.

E' uma bem feita coleção de duzentos exercicios, cada um apresentando um problema rítmico já resolvido.

A CANOA VIROU! O VELHO REALEJO!... A' HORA DA MISSA.

— 3 Peças — Chagas Junior

Ed. «A Melodia» — Agosto, 1939
— São Paulo.

Com satisfação registramos o aparecimento destas três esplendidas obras para piano, em um caderno, da autoria do Prof. Chagas Junior.

Depois de aprecia-las, sou de opinião que podemos inclui-las dentro do quadro da historia da Música Nacional, como pertencendo a fase reacionaria contra os que fazem ou julgam a musica brasileira, apenas, *ritmo, batuque africano ou samba*. Não, a nossa música não é isso, apenas. Ela é alma, sentimento, melodia!

Chagas Junior que vem se dedicando com meticulosidade a esse estudo, vem de firmar um estilo que denota a envergadura do compositor nacional que dá um sentido proprio ás suas obras.

Em cada uma destas três peças, o autor explora inteligentemente um motivo nosso, apresentando-o entrelaçado por um desenvolvimento harmónico notavel, muito pianístico.

Não podemos deixar de recomendar as aos bons pianistas que se ufam de executar *musicas brasileiras*.

Como somos acolhidos

Continuação dos numeros anteriores: Recebemos:

— Do Dr. Americo Brasiliense Almeida de Moura, 20-8-939. *S. Paulo*: «Sinceramente cumprimenta pelo empreendimento que é mais um atestado de sua alta competencia e do seu nunca desmentido entusiasmo pela propagação da nobre arte».

— Do ilustre pianista Arnaldo Rebello, 12-8-939. *Rio*: «Constato com grande alegria que o teu esforço vem sendo compensado e é sensível o progresso de uma iniciativa tão honrosa para Araraquara. E' muito sincera a admiração que me causa a tua atividade em prol do desenvolvimento do meio que tem a sorte de contar com o teu entusiasmo».

— Do Dr. Theodoro Brazão e Silva, *Rio Branco, Acre*, 29-7-939: «Chegou-me como um presente régio, nestas paragens longinhas do Brasil, a revista que corajosamente lançou ao brasileiro amante de musica e que, muitas vezes, lamente a falta desses elementos de propaganda dentro de nosso ambiente artistico.» «Naturalmente, que ela ainda, certamente, não apresenta o seu formato definitivo. Porque conta vela, em futuro proximo, em maiores proporções, como que sintetizando toda a vida musical do Brasil, abordando esses temas sempre novos das vidas e dos accidentes, das conquistas e anedotas, dos fracassos iniciais e aureolações posterias, desses nomes imortais da arte que V.S. pratica e eu me limito a admirar.» Assim, agradecendo a sua lembrança, desejava que me fizesse assinante de sua *Resenha Musical*, informando-me das condições para merecer essa honra, e lhe envio os meus votos ardentes, do antigo falangiarario do mesmo ideal, de que saia vencedor em seu elogiavel empreendimento».

— Do sr. Arlindo Gomes, 30-3-939. *Campinas*: «*Resenha Musical*» pela sua feitura e o fim a que se destina, veio preencher uma grande lacuna em nosso meio, como um veiculo de expansão

(Con. na pag. 14)

OS BONS DISCOS DE CHOPIN *

Pierre Winandy

Tradução do prof. LUIZ CARVALHOSA GARCIA

NOTA PRELIMINAR. — Para facilidade do leitor fizemos seguir cada nome de disco da abreviatura «lx» para indicar que se trata de um disco de categoria de luxo, ou de «ord» quando se trata de um disco ordinário (quanto ao preço de venda) assim como dos números 25 e 30 para lhe indicar o diâmetro.

Sabe-se que o grande compositor romantico Frederico Chopin não escreveu senão, por assim dizer, para piano. As raras peças que ele destinava para outros instrumentos, mesmo para violoncelo — pelo qual ele tinha uma certa inclinação — são obras que se podem omitir e de resto são muito esquecidas.

Eis, além disto, um pequeno fato que testemunha suficientemente o pouco de atração que tinham para ele os outros instrumentos. Os dois concertos que ele escreveu para piano e orquestra suprim-se de uma parte orquestral a tal ponto insuficiente que, mais adiante, outros compositores a refundiram e a fizeram muito melhor do que ele: taes compositores, pelo ano de 1905, são o chefe de orquestra Felix Weingartner, e, após a guerra, o pianista Cortot, para o primeiro concerto.

Enfim, somente suas obras para piano tiveram o favor de serem gravadas em discos: não nos será por conseguinte, nada difficil nos referirmos aqui a estas.

OS BONS INTERPRETES

Veremos, a principio, quaes são os bons interpretes do mestre polonez cujas execuções foram registradas. Mas, antes de tudo, façamos uma restrição. Não ha um verdadeiro especialista de Chopin, nenhum bom pianista, ao repertorio do qual se inscrevam senão as suas obras com a exclusão de outros autores. Este caso se apresenta para J. S. Bach e para Beethoven. Outros compositores, como Liszt ou Claude Debussy, são também, para alguns artistas, o objecto de uma predileção, senão exclusiva, ao menos claramente marcada. Não se dá o mesmo para com o nosso Chopin, cujas composições figuram em todos os repertórios. E o

unico artista que tentou dele fazer para si um repertorio uniforme, o polonez Raul von *Koczalski*, está muito longe de ser o interprete ideal, como o são, para Beethoven, Arthur *Schnabel* e *Wilhelm Kempf*, e, para «Claude de France», o alemão Walter *Gieseking*. Todavia, certos pianistas de renome internacional, tem chegado a executar Chopin de uma maneira visinha á perfeição absoluta. Citamos, sem ordem de preferencia: os polonezes *Inácio Paderewski* e *Arthur Rubinstein*; os russos *Wladimir de Pachmann*, *Wladimir Horowitz* e *Alexandre Brailowski*; o italiano *Carlo Zecchi*; os alemães *Guilherme Backhaus* e *Leonidos Kreutzer*; os francezes *Francisco Planté*, *Alfredo Cortot*, *Roberto Casadesus*, *Roberto Lortat* e *Margarida Long*.

AS OBRAS

As peças para piano do illustre compositor são frequentemente classificadas em três categorias: 1.a os Concertos; 2.a as obras «seriadas»; 3.a as obras diversas.

A 1.a categoria compreende os dois concertos com orquestra: um em «mi menor» op. 11, outro em «fá menor» op. 21.

A 2.a, sob a sua rubrica comprehend as obras de Chopin classificadas sob os titulos geraes: as Balladas, os Estudos, os «Impromptus», as Mazurkas, os Nocturnos, as «Polonaises», os Prelúdios, os «Scherzos» e as Valsas.

Na 3.a tomam logar: a «Berceuse», «Allegro de Concerto», os dois «Rondós» op. 1 e 16, a «Grande Fantaisie sur les Airs Polonais», as diferentes Variações, a celebre Barcarolla em fá sustenido maior, o «Andante Spianato» (embora faça parte da Polonaise op. 22), o Boléro, a Tarantella, a Fantasia em fá menor, a «Fantaisie Impromptu», as «Eccossaises» e as tres Sonatas. Si bem que classificadas sob o mesmo titulo, estas três ultimas peças

são de estilos diferentes para cada uma e podem ser consideradas como obras diversas. Conformando-nos, pois, com esta classificação é que vamos examinar os discos.

OS DISCOS

1.º Os Concertos.

Os dois concertos nos são apresentados em discos com a parte de orquestra reinstrumentada. Devemos uma boa edição do 1.º Concerto á firma alemã Polydor, cujos discos de piano se caracterizam muitas vezes por uma grande pureza de som. Alexandre Brailowski o executa com perfeição. Os quatro discos levam os numeros de 66753 a..... 66756 (lx. 30). Dele existe igualmente uma gravação H. M. V. muito mais recente, a D. B. 3201 a 3204 de Arthur Rubinstein, mas não a conhecemos.

Quanto ao Concerto em fá menor, mais popular, fizeram-se duas gravações que são, na ordem das datas de fabricação:

A) A «Columbia» francesa D 15236 a 15239 (4 d.lx.30) imprimida em 1930. Esta gravação, em que a solista é Mme. Margarida Long e a orquestra é a do Conservatorio de Paris, mereceu o Grande Prêmio de Discos da Fundação Candide para os discos saídos dos Studios francezes em 1930.

B) a H. M. V. inglesa DB 1494 a 1497 (4d.lx.30) gravada no fim de..... 1931 com o concurso de Arthur Rubinstein e da Orquestra Sinfonica de Londres. Temos a reconhecer um pequeno fraco nesta ultima gravação. Um artista que toca para gravar não se deve julgar sobre um estrádo de concerto.

Mas, está também aqui um pequeno defeito da artista francesa que visa muito pouco efeito. E' isto ainda toleravel no 1.º Movimento «Allegro Maestoso» e no final «Allegro Vivace»; porém não o é, absolutamente, no «Larghetto», cujo tempo muito lento (56 à noire) exige uma execução emotiva e recolhida. Assim, neste particular, Rubinstein compreendeu melhor do que Mme. Long o Concerto em «Fá menor» de Chopin.

(Cont. no proximo n.º)

*Extraído da revista franceza «Disques» n. 49, Março, 1939

Como somos acolhidos

(Conclusão)

cultural artistica musical, pela valiosa colaboração que encerra suas paginas e pelos ótimos ensinamentos que a mocidade estudiosa aí póde colher. Apresentando os meus agradecimentos pela sua atenção faço sinceros votos pela crescente prosperidade de «Resenha Musical» que deve encontrar em cada leitor um amigo e dedicado propagandista, para maior engrandecimento da cultura musical de nossa gente.»

— Cartas e cartões dos srs. prof. João Octaviano Gonçalves, prof. Domingos Raymundo, catedrático de Orfeon da Escola Nac. de Musica; Frederico Mario dos Reis; professora Amelia de Mesquita, correspondente do jornal musical «Le Menestrel» de Paris; Associação Brasileira de Educação, Rio de Janeiro; prof. Joaquim Silveira Santos; prof. Ivo Machado Medicis; Pro-Arte; Helena Magalhães Castro; Escola de Belas Artes; prof. Lucila Eugenia de Mello, de São Paulo; Henry Lemoine, Paris; Maria Aparecida e Maria de Lourdes Arruda, Santos; Sociedade Cultural Jaboticabalense, Jaboticabal; sra. Francisca Fernandes Araújo; Itapetininga; professora Almira de Oliveira Machado, S. Carlos; srs. Guilherme Abreu Isique e Cassio de Almeida, Araraquara.

(Cont. no proximo n.º)

IV Salão de Belas Artes de Araraquara

Comunica-nos o Nucleo da Escola de Belas Artes local que já se acham abertas as inscrições para o IV Salão de Araraquara, as quaes deverão ficar encerradas, improrogavelmente, no dia 25 de Setembro.

Dr. Fernando Lobo

«RESENHA MUSICAL», acolheu com muita satisfação o ato justo do Governo do Estado que nomeou para fiscal junto ao Instituto Musical de S. Paulo, o sr. Dr. Fernando Lobo, ilustre crítico musical da imprensa paulistana.

Ao Dr. Fernando Lobo, esta revista apresenta efusivos cumprimentos.

BARROZO NETTO

(Cont. da pag. 2)

trou no Instituto, decidido a trabalhar. E ei-lo que cursa as aulas de teoria e solfejo, com Henrique Braga e Porto Alegre; as de acústica e harmonia, com Frederico Nascimento, as de contraponto, fuga, composição e órgão, com Alberto Nepomuceno, e as de piano com Alfredo Bevilacqua. E, fato curioso: Barrozo Netto foi o aluno do Instituto que mais diplomas e medalhas conquistou e que, entretanto, nenhuma medalha nem diplomas possui, porque nunca fez questão de possuí-los.

Nem a propósito recordar o concurso final de piano, em que teve de competir com dois candidatos fortes com ele e cujo curso havia sido igualmente brilhante. Diante das provas realizadas, teria ficado a banca sem saber como distinguir entre si os três candidatos, si o glorioso e inesquecível Arthur Napoleão, membro do júri, não tivesse proposto a classificação da forma seguinte: para o primeiro candidato, o primeiro prêmio (medalha de ouro); para o segundo, o primeiro prêmio com distinção; e para o terceiro, que era Barrozo Netto, o primeiro prêmio, com grande distinção. Dessa maneira, os anais do Instituto registam, pela primeira e única vez, uma medalha de ouro, com grande distinção, concedida a um aluno.

Estava, pois, laureado aquele que chegou a ser considerado uma «negação musical», quando menino. E desde esse dia, inteligência lúcida e vivaz, espírito perspicaz e agudo, temperamento impressionável, inspirado pelo verso e pela música, a sua atuação no Rio de Janeiro não foi apenas constante, porque foi brilhante e eficiente para a nossa evolução musical.

Acentuaram-se, então, em Barrozo Netto, as três expressões marcantes da sua individualidade artística, mercê das quais tem atravessado a vida como um sacerdote fascinado pela sua crença, ou como um iludido dominado pelo seu sonho. Eu não teria mãos a medir, si fôsse recordar o nome dos principais alunos da classe de Barrozo Netto, lau-

reados nestes mais ou menos trinta anos de dedicação á carreira que abraçou. Muito perto de nós, Rossini de Freitas vai-lhe seguindo as pegadas de mestre, e os conservatórios de Pelotas e do Rio Grande continuam sendo dirigidos por dois irmãos laureados em seu curso: Milton e Heitor de Lemos, Arnaldo Estrêla e Aires de Andrade, como pianistas e como professores, dão frequentes provas da excelência de sua escola de piano. Entre as virtuosas mais conhecidas, lembro-me dos nomes de Irene Nogueira da Gama, de Herminia Roubaud, de Lola de Andrade, de Nícia Roubaud, de Altair Celina Gomes, Lília Faustino de Figueiredo, Julieta de Almeida, e tantas outras, que no momento não me vêm á memória. Agora mesmo, Aloísio de Alencar, primeiro prêmio de sua aula, conquistou o primeiro lugar no concurso de admissão do Conservatorio de Fontainebleau, em França.

Brilhantíssima foi a longa fase em que Barrozo Netto se manteve no cartaz, considerado um dos maiores virtuosos brasileiros do momento. Pianista completo, dominado por temperamento sensível, sua execução sempre se impôs pelo caráter sadio de que se revestia e pelo encanto com que se comunicava ao auditório. Dispondo de recursos pianísticos excepcionais, Barrozo Netto foi um arrebatador de platéias, que realizou audições memoráveis.

Resta o compositor, que a gaita de foles revelou e que o primeiro piano estimulou brilhantemente, para realizar uma longa, variada, multiforme e bela bagagem, que se veio avolumando através dos anos, inspirada nos seus primeiros romances de amor, nas próprias horas de angústia e de sonho, de esperanças e de desanimos, de trabalhos e de aplausos, de lutas e de consagrações.

Romances de amor! Que o digam as páginas sinceras de «Adeus», de «Cantiga», de «Se eu morresse amanhã»... e tantas outras, para piano e canto, sugeridas pela primeira musa inspiradora do artista!

Sincero com ele mesmo, que pode

ser a bagagem musical de Barrozo Netto, senão a expressão de seu temperamento romântico e emotivo? Educado nos são princípios da escola clássica, a sua obra é por isso mesmo solidamente alicerçada. Em qualquer página musical de sua autoria, sente-se o mestre que constrói com base segura e que, por isso mesmo, desafia as surpresas do tempo. E embora sempre progredindo tecnicamente e acompanhando a evolução, ele resistiu e resiste às imitações, repudiou e repudia os excessos de excentricidade dos nossos dias, mantém intacta a expressão romântica de seu temperamento e conserva a unidade de forma, que caracteriza toda a sua obra.

Escrevendo para piano e violino e outros instrumentos e para piano e canto, sua maior produção musical é, entretanto, para piano só. Nesse gênero, explora todas as dificuldades da técnica pianística, e em seu já longo repertório, há uma vasta contribuição de caráter pedagógico, dentre a qual quero destacar os «exercícios técnicos diários», escritos de colaboração com o professor Philipp, do Conservatório de Paris, e adotados na nossa Escola Nacional de Música. No momento, preocupa-o a realização de uma série de baixos e cantos harmonizados, para fins escolares do curso de harmonia. E sempre dominado pelo bom gosto artístico, todo esse trabalho obedece a uma dupla preocupação de conservar os preceitos escolares, aliados à estética da composição.

Não param, porém aí, as actividades musicais de Barrozo Netto. Também ele havia de sentir a mesma atração que têm provado os compositores contemporâneos, pela música de cinema. É que é infinitamente vasto o campo que o cinema oferece para ser explorado, dentro das cenas que a tela apresenta, trepidantes, em pleno movimento, em plena realidade.

Estão ainda bem recentes os sucessos conquistados por Barrozo Netto, com as partituras de «Vozes da floresta» e da «abertura» de «Aruanã», escritas para dois filmes da Cinédia. A primeira tomou como motivo o período de transição entre a noite e o dia. E a inspiração do compositor, de mãos dadas

com as particularidades peculiares à sua técnica de mestre, esboça o quadro, aprimora-lhe as linhas gerais, expõe-lhe, magistralmente, os detalhes, colore-lhe, com justeza de tintas, todos os momentos de emoção e apresenta-o, enfim, num conjunto harmonioso, cujo interesse aumenta de compasso a compasso, para finalizar num ambiente musical realmente majestoso! Nascida sob uma boa estrela, essa partitura não morrerá na gaveta do autor, nem nas prateleiras da Cinédia. Barrozo Netto já a cedeu a um editor especializado, que, depois de organizar um novo filme, dela se apossará para divulgação no estrangeiro.

Na «abertura» de «Aruanã», o autor desenvolve temas selvagens, em torno de uma frase de amor dos personagens típicos da peça. Numa, como na outra, o que se impõe ao ouvido do espectador é sempre esse admirável equilíbrio de desenvolvimento da composição, que se observa em toda a sua obra. Porque, tendo nascido músico e tendo vivido sempre da música e para a música, Barrozo Netto não poderia deixar de ser o que realmente tem sido: um criador inato, intuitivo, espontâneo de melodias, que nascem da alma, e que se revestem, portanto, da mesma essência, que envolve toda a obra produzida pela força divina da inspiração.

Onde há espontaneidade, há arte verdadeira, arte sincera, arte nascida da pureza da idéia, para o bom gosto da forma que a imortaliza.

Num meio onde a cinematografia produz grandes filmes, Barrozo Netto teria já igualmente produzido grandes partituras, tal a facilidade e felicidade com que interpreta, musicalmente, cenas e quadros imaginários ou reais da vida. Aqui, porém, o seu estro não encontrou ainda maior campo de ação para se expandir. Por muito favor, permitiu-lhe, além dos trabalhos citados, criar a música de uma «entrada» para um filme desenhado de caricaturas; «As três partes do dia», «short» improvisado sobre texto de Benjamim Costallat, e arranjos para órgão Hammond — Prelúdio de Chopin, e Polichinelozinho, de sua autoria, — todos para a Cinédia.

Esse aspecto da personalidade artística de Barrozo Netto faz pensar no seu espírito de iniciativa, posto em evidência desde as suas primeiras realizações de música coral, no Orfeão Carlos Gomes (mantido por d. Adelina Lopes Vieira, em Santa Tereza, há cerca de quarenta anos), e do qual foi um dos elementos de estímulo dos mais poderosos. A sua acentuada predileção pela música coral, que lhe inspirou, naquela época o coro feminino «Lavadeiras», até hoje executado, teve o seu período áureo há cerca de três anos, quando criou o corpo coral, em curso de extensão universitária da Escola Nacional de Musica, durante o qual manteve em plena forma, realizando audições memoráveis, um grupo de duzentas e cinquenta vozes mixtas, cuja disciplina, cuja coesão e cujo valor real de conjunto lhe sugeriram e lhe permitiram ver realizada em cena a partitura de «Vozes da floresta».

Um grande serviço prestou Barrozo Netto ao meio musical do Rio de Janeiro quando fundou e manteve, durante alguns anos, o Trio-Barrozo-Milano-Gomes, cujos programas de música de camera ficaram como padrões de organização e de desempenho. Presidente da antiga Sociedade de Cultura Musical, onde realizou concertos de caráter educativo e onde teve oportunidade de promover audições de música coral, sob sua direção; três vezes comissionado pelo Governo Federal para estudar os conservatórios de Europa, Barrozo Netto aproveitou-se dessas oportunidades para realizar concertos de propaganda da nossa música, em Paris e Bruxelas.

Sua obra musical é vasta. Cito, de memória, entre as suas peças mais populares: «Canção da Felicidade», «Canção da Saudade», «Perdão Felicidade».! «Saudade amiga», para canto. E para piano: «Rapsodia guerreira», «Minha terra», «Galhofeira», «Variações sobre um tema original», «Chôro», «Alegria de viver», «Em Caminho», «Cachimbandô», «Tarantela», numerosos pequenos quadros, como as «Sete peças características», recentemente publicadas, e outras.

A MÚSICA

LUIZ MURAT

A pintura, a estatuarla, a música e a poesia
Dão abobada, cor e som a qualquer canto
E o corisco, ao fragor das trompas, esfúzia,
Deixando em cada nota uma gota de pranto.

Gemidos de mulher, soluços de criança,
Lágrimas aos pedaços,
Vão cair ali dentro, onde a dor e a esperança
Possam de sambenito e com a cruz nos braços.

A música penetra um fepido amávio
Pelas velas, e arrasta o homem para outro prisma.
Crispando-lhe na pele um sonoro arrêpio,
E em cada olhar um sonho, onde a alma harpeja e
[elisma.

O pensamento sobe as montanhas, e desce...
E, quando vem de lá, de perolas coberto,
Deixa cair um al onde estava uma prece,
E uma constelação onde estava um deserto.

Ha em cada colcheta um abismo e uma esfera.
Que sustenta o arrebol com a sua guirlanda,
Onde julgamos ver chegar a primavera,
Como a branca Julietta ao balcão da varanda.

Agitam-se ao luar flamulas e bandeiras...
E passam triunfantes
Acompanhando o rastro as naidas ligeiras
Gigantescos delphin de escamas rutilantes.

Esse é o vinho que bebe a alma dos que padecem,
Dos que vão de saudade em saudade rimando,
E que nunca se esquecem
Dos que nasceram rindo e morreram chorando.

Para nós esta festa é como um copo d'agua,
Que a piedade chegou à boca de um sedento,
Pois para aliviar um pouco da nossa magua
Basta ouvi-la na voz de qualquer instrumento.

Póde-se dizer, de um modo geral, que cada página que escreve, é um pequeno quadro, uma pequena cena que se perpetua, graças á espontaneidade e ao poder sugestivo de seu belo talento criador, que lhe tem feito da vida uma constante devoção á arte milagrosa das sete notas.

Nota da Redação: No proximo n.º daremos um indice das obras do grande compositor brasileiro Barrozo Netto.

Prof. Ondina F. B. de Oliveira

Catedrática do Curso de Piano e Historia da Musica do Conservatorio Dramatico e Musical de Araraquara, diplomada pelo Conservatorio D. e M. de S. Paulo. Curso Especializado de Magisterio.

Conservatorio D. e Musical de Araraquara

O Ensino Musical Organizado no Brasil

(Conclusão)

tor do nosso Ino Patrio; si não bastasse tal prerogativa ao sucessor de José Mauricio, seu mestre, sobrava a F. M. o posto de destaque entre a falange de pedagogos desse tempo de formação de nossa nacionalidade. A sua personalidade impunha-se não somente a seus discipulos e dirigidos mas ainda ao mundo social dessa época. Desdobrava-se nas funções de professor, compositor, mestre capella e maestro compositor da Imperial Camara do II Imperio do Brasil. Benemerito da arte musical a ele devem os brasileiros a criação da Escola Nacional de Musica. Morreu velho, aos setenta anos. Sua vida foi um exemplo de excelsas virtudes. Tambem sofreu a perseguição de Marcos Portugal á qual soube responder com indiferença aguardando dias melhores que só a Deus é dado distribuir. A fundação da Sociedade Musical Beneficente — uma das suas fundações — teve sob sua administração vida prospera nela sabendo F. M. manter congregados os mais diversos temperamentos dos artistas dessa época, aproveitando cada um delles com verdadeira intelligencia e caridade christans. A maior gloria da existencia de Francisco Manuel foi porerem o Imperial Conservatorio de Musica do Rio de Janeiro: victoria de sua pertinaz insistencia conseguindo de D. Pedro II o decreto de 27 de Novembro de 1841. E para a renuncia de tanta satisfação artistica pessoal correspondeu ele com uma dedicação elevada e nobreza d'alma tendo tudo conseguido não para si mas para a educação artistica brasileira, dos artistas que ele amou como poucos!... Para aquilatar o valor, a cultura e a alma de eleito que foi Francisco Manuel basta ler com a mistica que merece a carta aberta por ele dirigida a S. M. Imperial D. Pedro II carta essa que se encontra no Prefacio da sua Artinha.

Mo. Francisco Braga visitará Botucatú

Fáto importantíssimo para a vida musical do interior, e quicá do nosso Estado, a proxima visita que a Botucatú fará o Maestro Francisco Braga, catedrático de Instrumentação e de Composição da Escola Nacional de Música, do Rio de Janeiro, atendendo ao convite que lhe foi endereçado pelo d.d. Diretor da Escola Normal Oficial, sr. Prof. Henrique Antonio Ribeiro, afim de assistir a inauguração solene de seu retrato na «Sala Francisco Braga», nome dado á sala ambiente de Música, da referida Escola, o que se dará na segunda quinzena de outubro.

Para a recepção do grande músico — uma das mais legitimas glorias de nossa Patria — está sendo desde já preparado um programa litero-musical, além de outras providencias artisticas, á altura dos méritos do homenageado. Um dos saráus musicais estará a cargo do afamado Orfeão Normalista, que já se fez ouvir na Capital de nosso Estado, onde recebeu os maiores louvores da critica musical paulistana, sob a regência do insigne mestre Alfredo Franklin de Mattos, nome dos mais illustres do meio artistico do nosso Estado.

Mercearia MOSCA

Bebidas nacionais e estrangeiras, frutas, queijos, frios
em geral - Depositario do Fermento FLEISCHMANN

Avenida S. Paulo, 75 - Fone, 334 - Araraquara

ZEQUINHA DE ABREU

A Rádio Difusora de S. Paulo vai comemorar no proximo dia 19 do corrente, o aniversario de nascimento do saudoso compositor de musicas populares Zequinha de Abreu.

A homenagem póstuma que esta grande estação difusora vai prestar a esse modesto compositor, é um gesto simpático da «Hora da Saudade», dirigida pelo dr. Décio Pacheco Silveira.

O Amor na vida de Mozart

O amor para Mozart, como para quasi todos os homens de genio, foi um terrivel sonho doloroso.

Parece ser destino dos grandes homens, não encontrarem jámais na vida, a mulher que os comprehenda, a alma eleita, cujas afinidades atenuam a asperesa dos contrastes violentos que caracterisam o temperamento daqueles que nasceram com o tremendo dom da genialidade.

O autor da «Flauta magica» não fugiu a semelhante regra.

A primeira mulher verdadeira amada por Mozart foi sua prima Maria Anna Thekla, que ele conheceu em Augsburg em 1777.

Este primeiro amor do grande musico teve o epilogo que geralmente tem todos os primeiros amores: acabou pela ausencia, só deixando no coração dos dois namorados, a suave melancolia dos sonhos que se não realisam. Mozart, cujo pae não via com olhos benevolos aquella união, partiu um dia em demanda de Monaco, Munheim e Paris.

Na segunda destas cidades a lembrança de sua paixão estava ainda bem viva na alma do autor de «D. João»: pouco depois, porém, começa ela a atenuar-se para extinguir de todo em Paris.

As cartas a Maria Anna, foram escasseando, até, que, pouco a pouco, findou completamente a correspondencia. Si em Mozart, não lançou este amor profundas raizes, já o mesmo se não deu com Maria Anna. A ingratidão do primo não conseguiu matar em seu coração a ternura e o afeto que lhe votava. Maria Anna resignou-se, e longe de opor desdem a desdem, deixou-se ficar solteira o resto da vida recusando sistematicamente todos os partidos que se lhe apresentavam.

Preferiu viver de recordações falecendo em Bayreuth, aos oitenta e tres annos de idade.

Esta foi a mais suave das figuras femininas que atravessaram a vida e-

mocional de Mozart.

Não tardou, porém, a surgir a *mulher má*, que involuntariamente vingaria o abandono da primeira.

Foi ela Aloysa Weber, que alguém definiu: «béla como o pecado e sedutora como a perdição». O amor de um Mozart, não disse nada a Aloysa; as supplicas, os lamentos, as palavras de ternura deixavam-na fria, perfeitamente impassivel, fingiu algum interesse pelo jovem musico enquanto este lhe foi util; uma vez, porém, atingido seu fim que era tornar-se uma cantora de fama, sacrificou-o a outros amores de ocasião.

Mozart, além de educa-la, dedicou-lhe varias sonatas, amou-a sobre todas as coisas chegando por causa dela a desobedecer seus paes que não viam com bons olhos aqueles amores.

Aloysa, contava então 16 annos de idade, apenas, mas, por seu desenvolvimento precoce, por sua belleza e graça donairoza era figura para impressionar fundamente uma alma sensivel como a de Mozart.

O autor do «Requiem» no entanto, perdeu de todo as esperanças, quando encontrando-a de novo em Monaco, já artista de fama, foi por ela recebido com frieza. «Por trajar um ridiculo *frack* vermelho com botões pretos.»

Desabafou sua magua improvisando uma aria que intitulou: «Eu deixo a donzela que já não me quer», feito o que regressou a Salimburg, onde todos trataram de o consolar daquelle desgano.

Aloysia, contratada pelo Teatro Real de Viena, casou-se com o ator da corte Josef Lange, com quem viveu em desacordo, primeiro e finalmente na miséria.

A familia Weber, a que Aloysa pertencia transferiu sua residencia para Viena. Mozart, alugou, ali, um aposento. Foi assim que caiu na rede amorosa que a irmã mais nova de Aloysia Constança, lhe armou com eviden-

te participação do resto da família.

Parece que Mozart, no começo, não pensava em semelhante resultado, mesmo porque a Constança faltava aquela vivacidade de espírito, a graça e a beleza que tanto caracterizavam sua volúvel irmã.

Difícil coisa é compreender, assim, como Mozart tenha podido unir seu destino a uma creatura a quem o não ligava a menor afinidade de espírito.

Como quer que seja o fato é que Mozart casando com Constança iniciou então a fase conclusiva de sua vida, fase esta continuamente atribulada pelo egoísmo da mulher que não compreendeu um único momento a genialidade do grande músico.

Constança era extraordinariamente pretenciosa e Mozart lutava com falta de recursos. Quando o músico se dirigia aos amigos solicitando-lhes qualquer empréstimo, justificava sempre esses pedidos manifestando o desejo de evitar à pobre esposa situações desagradáveis.

«Caríssimo amigo e irmão, — escrevia ele a Puchber — V. que conhece minha atual situação, assim como minhas esperanças... não arriscaria nada... enfim, poderia emprestar-me, meu único amigo, uns quinhentos florins?»

Cartas com data de maio e setembro de 1790 mostraram-nos Mozart nas garras de usurários e prestamistas. Um ano depois, mais exausto, mais desanimado, sem poder terminar seu «Requiem» expira o músico, justamente na ocasião em que de Amsterdam solicitavam-lhe trabalhos mediante razoável compensação pecuniária.

Quando lhe deram esta notícia exclamou ele com profunda amargura: «E... morro agora, justamente quando poderia viver mais folgadoamente! Agora que poderia libertar-me de usurários e de especuladores e deixar falar livremente a minha inspiração!... Ah, bem dizia eu que o «Requiem» seria para mim mesmo!...

Mozart morreu tendo ao lado um de seus discípulos Sussmayer, a quem manifestou o desejo de que lhe terminasse a composição.

Narra uma testemunha (Sofie Haibl,

cunhada do grande músico, em uma carta, infelizmente escrita 34 anos depois) que Mozart pouco antes de expirar tentara imitar com os lábios o som dos tímpanos no seu «Requiem». Pouco depois entrava no aposento o escultor Muller que tomava a máscara do morto, com aquele derradeiro gesto.

A viúva, porém, segundo contam em Salimburg, fazendo um dia limpeza em casa partiu a máscara atirando os pedaços ao monturo. Ninguém sabe onde se encontra o túmulo de Mozart. A Ludovico I, da Baviera, que a admoestava por tal negligência, Constança Mozart respondeu que sempre julgara ser atribuição do pároco prover de cruzes as sepulturas...

Concerto de Câmara

Promovido pelo Centro Acadêmico Lorenzo Fernandez, da Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil, realizou-se em 17 de Setembro, no Salão «Leopoldo Miguez», um Concerto de Câmara para Instrumentos de Sopro — flauta, óboe, clarineta, trompa e fagote.

Tomaram parte os profs. Moacyr Liserra, Alberto R. Lazzoli, Antônio Soares, Marcos Benzaquém e Bruno Giannessi. Do fino programa constou a Sinfonia op. 37, para Quinteto de instrumentos de sopro, da autoria do ilustre compositor brasileiro Oscar Lorenzo Fernandez, que a regiu.

PREMIO «PRO-MÚSICA» PARA PIANISTAS

— Promovido pela Sociedade Propagadora da Música Sinfônica e de Câmara, do Rio de Janeiro, deverá realizar-se em 26 de Outubro próximo, no Salão «Leopoldo Miguez», o concurso pianístico para a disputa do valioso Premio «Pro Musica». Instituído por um amigo e admirador de Sylvio Deolindo Fróes, para comemorar a passagem do 74.º aniversário natalício desse eminente mestre baiano.

As inscrições serão recebidas até o dia 30 de Setembro. A Redação de «Resenha Musical» se prontifica a dar os esclarecimentos necessários aos interessados.

Associação dos Artistas Brasileiros

Esta benemerita sociedade de artistas patrocinou uma exposição individual da apreciada pintora patricia Edith de Aguiar Thiel, nos dias 4, 5, 6, 7 e 8 de Setembro.

Curiosidades

JULHO: 1-(1784) faleceu em Berlim, Guilherme Friedman Bach; 2-(1905), foi inaugurada em Campinas, na praça Bento Quirino, a estatua de Carlos Gomes; 4-(1694), nasceu em Paris, Luis Claudio Daquin; 6-(1902), faleceu o compositor brasileiro, Leopoldo Miguez; 11-(1836), nasceu em Campinas o imortal compositor Antonio Carlos Gomes; 15-(1857), faleceu em Viena, Carlos Czerny; 16-(1858), nasceu em Liège, o violinista Eugene Yzaye; 19-... (1836), realizou-se na Matriz de Campinas, o batismo de Antonio Carlos Gomes; 22-(1925), Alexandre Braislowsky realiza no Teatro Municipal do Rio, o seu primeiro concerto no Brasil; 30-... (1921), foi levada á cena a opera «Primizie», de Abdon Milanez, no Municipal do Rio.

AGOSTO: 2-(1921), faleceu em Nápoles, o celebre tenor Eurico Caruso; 3-(1829), foi levada á cena no Teatro Opera em Paris, a opera «Guglielmo Tell», de Rossini; 8-(1870), Carlos Gomes regressa ao Brasil, após o triunfo alcançado pelo «Guarani» no Scala de Milão; 13-(1891), Carlos Gomes apresenta pela primeira vez no Rio, a sua opera Condor, que alcançara sucesso no Scala de Milão; 16-(1860), é executada na Igreja da Cruz dos Militares, Rio, a cantata «A ultima hora do Calvario», de Carlos Gomes; 22-(1862), nasceu em Saint-Germain, Claudio Debussy; 28-(1892), o critico do Jornal do Comercio, do Rio, apreciando o poema sinfonico Colombo, de Carlos Gomes, levado á cena no Lirico, estranhou o facto de se ouvir ao longo, da não de Colombo, um tiro de canhão no momento da descoberta da America! Este facto levou o dr. José Vieira Fazenda, illustre historiador, a provar em carta particular ao dr. Oscar Godoy, a injustiça do critico, esquecido de que, no tempo de Colombo, já havia artilharia.

SETEMBRO: 4-(1861), foi levada á cena a opera «Noite do Castelo», de Carlos Gomes; 7-(1922), foi inaugurado em S. Paulo, um monumento a Carlos Gomes, oferecido pela colonia italiana; 16-(1896), faleceu em Belém, Pará, o

Removendo o pó do tempo...

(Cont. da pag. 10)

tempo, sempre o tempo, lentamente foi encobrindo tudo com o seu pó fino e envolvente. E foi removendo esse pó que faz tudo esquecido, penumbrando o encanto e a lição do passado, que busquei onde me foi possível buscar, os informes que hoje transmito á geração presente de Araraquara, para que ela e a de todas as cidades do paiz, possam vêr com mais simpatia esses grupos de devotados musicos que são partes integrantes do nosso passado, representando o esforço e o entusiasmo dos nossos ascendentes, que tudo sacrificaram para cultuarem a arte.

(Cont. no proximo n.º)

Prof. CLOVIS DE OLIVEIRA

ex-prof. do Conservatorio D. e Musical de São Paulo, catedrático do Curso de Piano do Conservatorio Dramatico e Musical de Araraquara, diplomado pelo Conservatorio Dramatico e Musical de São Paulo e pelo Instituto Pedagogico «Caetano de Campos», de São Paulo.

Conservatorio Dramatico e Musical de Araraquara

Hora de Araraquara

No dia 22 de Agosto — «Dia de Araraquara» — aniversario da fundação da cidade, realizou-se em S. Paulo nos studios da Radio Cultura, ás 16 horas, uma audição a cargo de elementos araraquarenses pertencentes ao Conservatorio D. e Musical de Araraquara, sob o patrocínio da Prefeitura de Araraquara e da União Jornalística Brasileira.

O programa foi ouvido com muito interesse e com geral agrado, pelos inumeros radiouvintes da Capital e do interior.

notavel compositor Carlos Gomes, então diretor do Instituto de Musica do Pará; 24-(1835), faleceu em Putenau, Vicente Bellini; 26-(1877), nasceu em Nyon, o pianista Alfred Cortot; 27-... (1880), nasceu em Bordeaux, o violinista Jacques Thibaud.

Recebemos e Agradecemos

— «O Instituto», mensário do Instituto Gammon, ano LX, ns. 59-60, maio e junho, Lavras, Minas Gerais (permuta);

— «O Instituto», idem, ano LX, ns. 61-62, julho e agosto;

— «O Som de Cristal», da Radio Difusora de S. Paulo, ano I, ns. 11 e 12, junho e julho;

— Do «Instituto Metodista», de Ribeirão Preto, convite para as festas em comemoração ao seu 40.º aniversário.

— Gratos, nos fizemos representar;

— Da «PRO-ARTE», de S. Paulo, convite para o Concerto do Quarteto Fritzsche Dresden, 17 de agosto, Salão Vermelho - Esplanada, — gratos, nos fizemos representar;

— «Noticiário Ricordi», n.º 8, ano II, S. Paulo, 1939 (permuta).

— «Relatório», apresentado pelo Provedor da Santa Casa de Piracicaba Dr. Coriolano Ferraz do Amaral, aprovado pela Assembléa Geral Ordinária reunida a 30 de Janeiro do corrente ano;

— «L'Anthologie Sonore», 1938-1939, Paris (permuta);

— «Som», 11-6-939, ano IV, n.º 11, Natal, Rio Grande do Norte (permuta).

— «Santa Cecilia», Método para piano, de autoria do prof. José Gavini, 1939, Agosto, Edição «A Melodia», S. Paulo;

— «O Trabalho», jornal, Araraquara (permuta);

— «Correio da Tarde», jornal, Araraquara (permuta);

— «Eschig Informations», n.º 48, 1939, Paris (permuta);

— «Noticiário Ricordi», n.º 7, ano II, S. Paulo, 1939 (permuta).

Artistas em trânsito

Passaram por Araraquara neste trimestre, as artistas Haydée Menezes, brilhante pianista que acaba de concluir com êxito uma «tournée» artística pelo interior do nosso Estado; Lélia Sabino Damiano, uma menina pianista talentosa e de muito futuro; e finalmente, a declamadora Zoraide Aranha que deu dois recitais nesta cidade.

Dr. Amaro Egydio de Oliveira Filho

Cirurgião - Dentista

Aparelhos Raios X

DIATERMIA

Rua Libero Badaró, 561, 3.º andar, sala 59 - Fone, 5-5881

São Paulo

Dinorah de Carvalho Murici

Por ato do Governo Federal, foi nomeada fiscal junto ao Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, a ilustre pianista e compositora Dinorah de Carvalho Murici.

«Resenha Musical» se congratula com a ilustre artista — que esta revista conta entre os seus amigos — e com a direção do Conservatório de S. Paulo.

7 DE SETEMBRO

O «Dia da Pátria» foi comemorado festivamente em Araraquara e dentre os muitos números do programa, destacamos para esta nota, a audição promovida pelo Diretor do Conservatório, sr. João de Arruda Lima, e realizada no recinto da Exposição de Araraquara.

Confeitarias «Lavand» e «São Bento»

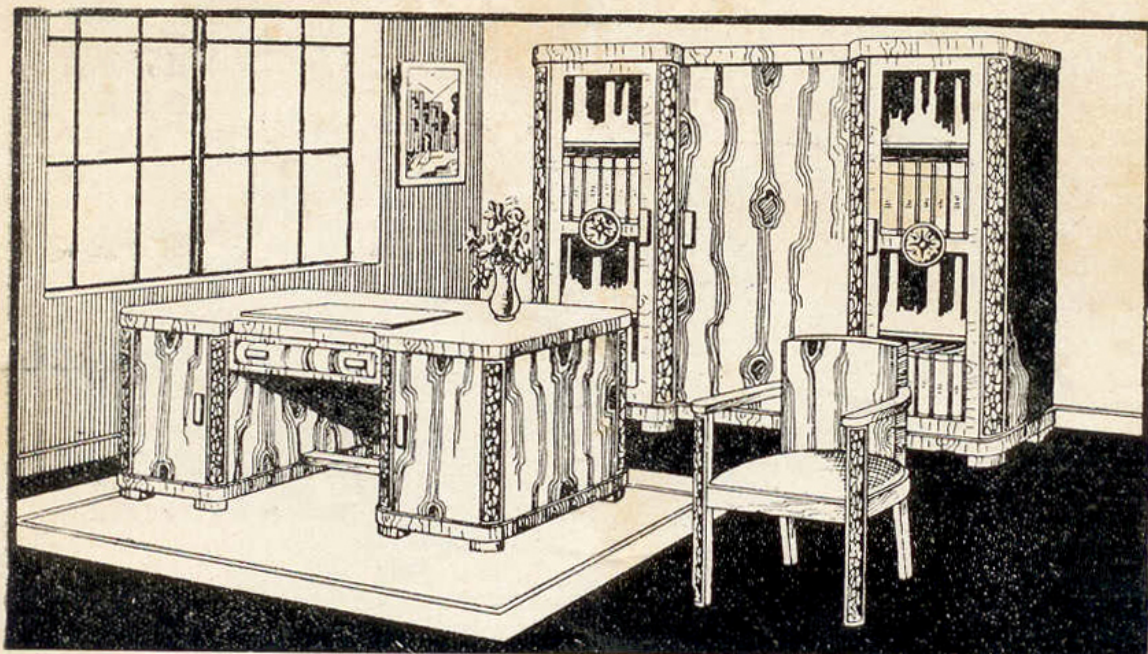
Queijos, manteiga, doces, conservas, presuntos, salames, biscoitos, bolachas, champagnes, licores, vinhos nacionais e estrangeiros, águas minerais, frutas frescas e secas.

Preços módicos - Entregas á domicilio

Rua S. Bento, 64 e 9 de Julho, 37

Fone, 473

Araraquara



Moveis Castellan o succésso da Exposi-
ção de Araraquara —

Rua 9 de Julho, 76 - Caixa Postal, 39 - Telefone, 463 - Araraquara

Depositem suas economias na
Caixa Economica Plutonoma
de Araraquara

JUROS de 5 o/o capitalizados

DEPOSITOS e retiradas todos os dias.

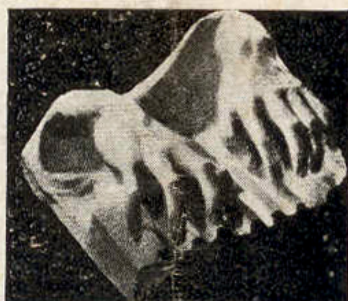
HORARIO : diariamente de 12 ás 16
aos sabados de 9 ás 11

Avenida Portugal, 22-Araraquara

Mãos



Brailowsky



* Rachamaninoff



* Lily Pons

* Reprodução em marmore da escultora inglesa, miss Helen Liadloff

DOENÇA E MORTE DE CHOPIN

ALOISIO DE CASTRO

(Continuação do n.º anterior)

Estavamos a vêr aqueles que na cama do agonisante, entre lagrimas que rolam caladas, lhe recolhem os supremos adeuses, emquanto no alvo leito, olhos parados na cova das órbitas, Chopin já parece entrado nas visões da eternidade. Dois dias antes do desfecho não mais restava esperança. Enche-se a casa de amigos. A condessa Delfina Potocka acorrera a vêr o mestre e (é Liszt quem nos conta no seu admiravel livro), ao ve-la «grande, esbelta, vestida de branco» com a sua bela figura de anjo, Chopin a teria tomado por celeste aparição. Pediu-lhe que cantasse. «Pensou-se que delirava, eil-o que insta no pedido. Como recusar-lhe? Trans-

portou-se o piano do salão á porta do quarto e entre soluços a condessa cantou. Corria-lhe pelo rosto o fio das lagrimas e por certo jámais aquele admiravel talento e aquela voz de ouro teriam subido a uma expressão tão patética. Ela cantou á Virgem o cantico de Stradella. Chopin deu mostras de alivio. Mais, mais. A condessa entoou um «Psalmo» de Marcello. Esvaído Chopin deu signaes de morrer. «Dobram-se a todos os joelhos, ninguém ousou falar, e apenas a voz da cantora pairava como celeste melodia, com o abafado acompanhamento de suspiros e soluços». Começou a agonia, que era para dois dias longos, veio o Santo Viatico e afinal o silencio da morte.

-- PERMUTA --

Leia
E ASSINE
"RESENHA
MUSICAL"
ASSINATURA
ANUAL 12\$

Desejamos estabelecer permuta com as revistas similares.
Ni deziras starigi intershanghon kun similaj revuoj.
Deseamos estabelecer el cambio con las revistas similares.
Desideriamo scambiare la nostra rivista con le sue congeneri.
Nous désirons établir l'échange avec les revues similaires.
Wish to establish exchange with similar reviews
Wir wuentschen den Austausch mit aehnlichen Berufszeitschriften einzurichten.

Resenha
Musical

Cada Postal
n. 18
Araraquara

IRMAOS LIA — ARARAQUARA